

Os rituais religiosos

As religiões nos ensinam os princípios morais para principalmente sermos bons cidadãos, comportados e observadores das leis dos homens. E ainda nos fazem cumprir e participar dos seus rituais, para condicionar-nos e contribuir na sua expansão e sustentação econômica. Na sua evangelização, recebemos a promessa do perdão e redenção dos pecados ali indicados. Mas um dia descobrimos que não é bem assim, que o contexto espiritual funciona de forma diferente, porque há continuação da vida além da vida da matéria, isto pela reencarnação. E na lei do retorno iremos colher os benefícios dos precedentes certos ou sofrer as conseqüências das nossas ações erradas, que não foram nem remidas e nem perdoadas.

Quando ocorreu a peste negra na Europa da Idade Média, o povo pôde avaliar o quanto valiam os seus rituais religiosos e a sua religião. Havia uma única religião na Europa, a católica, e depois da peste as pessoas começaram a procurar outros valores, pois morreu muita gente e muitos cônegos começaram a questionar a inutilidade das grandes demonstrações de fé, das romarias, procissões, jejuns, missas e bênçãos. Nada valeu, e a partir daí, os homens começaram a pensar em aprimorar mais a ciência médica, em vez de erguer santuários. A fé nestes seus rituais caiu, e começou a surgir o sentimento nacionalista. Delinearam-se as nações com seus soberanos, e os camponeses que cuidavam das grandes propriedades das igrejas e conventos começaram a rebelar-se. Queriam um pedaço de terra para eles trabalharem e viver em paz.

Eles já viviam nos grandes feudos da igreja que os novos governos iam desapropriar. Esta gente não ocupava mais do que pequenas parcelas destas terras. Iam construir um precedente que porém, para se sustentar diante da nobreza, precisava de um aval religioso, que a igreja de Roma por certo não ia dar. Mas era uma época de reformas porque a peste negra trouxe estas condições e ainda, havia vários religiosos que já sustentavam esta reforma das terras. Faltava mais um pouquinho para dar certo, quando o elemento chave da questão, o monge Martin Lutero, endossou a contestação religiosa abrindo a igreja luterana, mas bandeou-se ao lado da nobreza, mais rica e poderosa, condenando os rebeldes como "ralé" que devia ser exterminada, pois "qualquer um que matasse um rebelde fazia a coisa certa, e seria absolvido pela igreja luterana".

Esta reforma, que tinha tudo para dar certo e teria reformado o mundo, não conseguiu dar nem o primeiro passo, porque praticamente a crença ficou a mesma, pois só queriam repartir os dízimos da igreja católica. O mundo tinha necessidade de ser reformado. A reforma tinha sido autorizada pelas esferas espirituais de alto grau, e até foi feita uma grande seleção de pessoas antes, para que as leis das conseqüências metafísicas não impedissem o melhoramento daquela sociedade, pois quase a metade das pessoas tinham sido ceifadas, mas

não serviu. O reformador preferiu o ouro da nobreza, o poder e a glória de ter a sua igreja.

Fazer concorrência a outra, que conseguiu até recuperar-se das perdas dos feudos com os recursos que lhe vieram das novas terras, ao ponto de conseguir voltar aos antigos esplendores, segurando-se na Áustria, Itália, Espanha, Portugal e metade da França, fazendo investimentos em companhias, empresas financeiras, bancos e imóveis de todos os lados. Pois o ouro e a prata que receberam só nos primeiros cinquenta e cinco anos das colônias junto com os seus parceiros conquistadores, abarrotou os seus cofres sustentando uma nova magnificência e uma grande inflação, a primeira da história, que veio complicar ainda mais a vida dos europeus. O não reconhecimento do direito de uso da terra, como um bem para o homem tirar o seu sustento dela, tinha gerado uma grande quantidade de gente expulsa das terras dos antigos feudos.

Os primeiros sem-terra que estrearam uma nova categoria de pobreza que a inflação transformara em absolutos miseráveis. Estes eram tão numerosos, que, no século XVII, estimavam que um quarto da população de Paris era constituída por miseráveis que viviam nas calçadas, debaixo dos beirais das casas, embaixo de pontes e nos parques públicos. O fenômeno era produzido por sociedades muito ricas que produziam grandes quantidades de muitos pobres, e estes eram tantos que, na Suíça, em certa época os "homens de bem" (entre aspas) organizavam expedições periódicas para exterminá-los. A partir destes fatos qualquer um pode tirar as suas conclusões, mas considere que nas auras de muitas pessoas hoje há energias intrusas vingadoras que as transformam em exaltadas mediúnicas, só para lembrar-lhes que não se esqueceram delas. Pois há muita coisa que muitas dessas pessoas reencarnadas ainda têm que descontar em vida, pelas conseqüências deste seu passado.